

**Cristina de Sousa Pimentel, Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira, *Marcial: Epigramas*. Vol. I, Lisboa, Edições 70, 2000 (166 pp.).**

É com especial satisfação que vemos publicada, pela primeira vez, em língua portuguesa, a tradução do Livro dos Espectáculos e dos Livros I, II e III dos Epigramas de Marcial. Desde já felicitamos ao autores pelo indiscutível contributo da actual publicação para a crescente divulgação da literatura latina entre nós.

De entre os diversos objectivos que terão presidido à realização do presente trabalho, sobressai, *ab initio*, a intenção de orientar, do ponto de vista didáctico, a leitura dos *Epigramas* de Marcial, o que nos parece manifestamente conseguido, se considerarmos alguns aspectos que, de seguida, nos propomos enunciar.

No que respeita à apresentação do livro, a versão para língua materna aparece precedida de uma introdução de carácter geral, onde são referidos, de forma precisa e concisa, os principais aspectos biobibliográficos referentes ao poeta de *Bilbilis*. Fiáveis e de agradável leitura, as dez páginas que lhe são consagradas, facultam ao leitor menos familiarizado com a literatura de Marcial dados de natureza geográfica, histórica, política, literária e sociocultural, que concorrem para a contextualização da obra, e que são de valor inestimável para quem pretenda acercar-se, com algum *background*, da sua obra poética.

Para além da introdução geral, incorpora o presente volume uma breve introdução ao Livro dos Espectáculos (três páginas), onde se registam, de forma sistemática, os diferentes espectáculos, cantados em verso por Marcial, que tiveram lugar *aquando da inauguração do Anfiteatro Flávio, mais tarde conhecido por Coliseu* (p. 21). Destinou-se, de igual modo, um lugar específico para uma introdução aos três primeiros livros dos *Epigramas* (sete páginas). É de salientar o rigor e a concisão do presente texto introdutório, que se aliam à fiabilidade, tanto quanto é possível apurar, em termos de datação dos factos apresentados. Detém-se, sobretudo, a autora do texto em sistematizar os principais aspectos relativos à técnica de construção quer das personagens, quer dos epigramas, género literário que as consagrou para a posteridade. Quanto às personagens, destaca-se o seu contributo para a *uariatio* de temas e situações em foco nos *Epigramas*, enumera-se os principais tipos e personagens retratados, os quais deixam adivinhar a sociedade Romana do fim do séc. I, e exemplifica-se a opção pela caracterização indirecta das personagens, salientando-se o carácter particular de alguns nomes falantes, que funcionam como *indicação suplementar do traço caricatural* (p. 45) pretendido para determinada personagem visada. No que respeita à técnica de construção do epigrama, dá-se especial destaque ao facto de frequentemente se apresentar como silogismo, pautado sobretudo pelo inesperado da conclusão, como diálogo imaginado, como interpelação directa,

como fina ironia ou engenhosa charada ou como registo literário de um rumor ou boato errante nas ruas de Roma. Focando-se de relance alguns aspectos linguísticos, justifica-se a utilização do *sermo quotidianus* na produção literária do poeta em questão. É de salientar, no entanto, a manifesta intenção por parte da autora de não pretender esgotar as linhas de análise e as pistas de leitura dos *Epigramas* de Marcial.

Ainda no que respeita ao carácter didáctico da presente publicação, importa salientar a opção pela colocação das notas em rodapé, não as relegando para as últimas páginas do livro, o que favorece a consulta, em termos de rapidez e comodidade.

No que concerne à natureza das notas explicativas, ficamos com a impressão positiva de que terá havido um critério de selecção. Constatamos que o número não é excessivo e que remetem para determinados passos ou simples palavras que não permitem uma imediata descodificação por parte de quem esteja menos familiarizado com a realidade sociocultural de Roma ou seja menos conhecedor, ou desconhecedor em absoluto, da obra do poeta bilbitano. E porque de poesia se trata, é aqui digna de nota a inexistência de numeração nos versos, o que não facilita, em termos didácticos, o trabalho de leitura e pesquisa literária. Uma vez tratar-se de um pormenor de fácil solução, em termos de formatação textual, certamente vê-lo-emos resolvido numa próxima edição.

Em nota prévia à presente tradução dos *Epigramas* de Marcial, indica-se correctamente o texto de referência adoptado, remetendo-se o leitor para a observação das notas, quando se verifica a necessidade de incorrer numa excepção. Pudemos constatar que estas não são em grande número, remetendo apenas para cinco outras lições (Izaak, Heinsius, Buecheler, Citroni e Norcio), daí que talvez não fosse despropositado indicar igualmente, em nota prévia, a completa referência bibliográfica das mesmas.

Igualmente com base nas informações recolhidas na nota prévia, não queremos deixar de congratular os autores pelo trabalho operado em conjunto, tanto mais porque docentes em Universidades distintas (Lisboa e Coimbra).

Quanto à tradução em si, é, podemos afirmá-lo, correcta e de leitura aprazível, dando azo a muitos sorrisos e a uma boca cheia de gargalhadas incontidas. Revela, na generalidade, um cuidado apurado em respeitar o estilo do autor, que conjuga o tom coloquial com a sábia arte do trabalho estilístico. Sabendo da dificuldade que é traduzir um qualquer texto latino, especialmente se se vê eivado de efeitos de estilo, quantas vezes plenos de ironia e de duplos sentidos, como acontece em grande parte dos *Epigramas*, podemos assegurar do grande empenhamento para conciliar, sempre que possível, a vertente estilística do texto original com a especificidade do *sermo quotidianus*. Isto mesmo testemunha a nota 210, que, pelo inusitado da informação nela contida, deteve a nossa particular atenção. Lembremos ainda que a tarefa de tradução ter-se-á apresentado tanto mais dificultada pelo facto do próprio Marcial afirmar ser lícito

*latine loqui* (p. 49, nota 3), no âmbito do texto epigramático. Relativamente a este mesmo aspecto, importa tecer algumas breves considerações. Apesar da tradução dos *Epigramas* contemplar, com ampla visibilidade, a observação que Marcial textualmente postulara, constatámos a intromissão de alguns laivos de *pudicitia*, que, de alguma forma, entravaram o absoluto respeito pelo *latim* do autor. Veja-se, a título de exemplo, a discrepância de sentido obtida pela versão de *mentula* para “membro” (3.69; 3.75; 3.76; 3.81), que de modo algum considera a significação obscena da palavra. Relativamente a este aspecto, importa não descurar as seguintes afirmações categóricas de Adams, para que se não desvirtue o sentido da palavra latina: “The basic obscenity for the male organ was *mentula*. The ton of the word is indicated by a few remark wich Martial mokes. At 3.69. If he singles out *mentula* as the archetypal obscenity: the epigrams of a certain *Cosconius* are written *certis uerbis*, in that they contain no *mentula*”<sup>1</sup>.

Ainda a propósito do teor obsceno de alguns versos de Marcial, gostaríamos de salientar um aspecto particular da tradução do epigrama 2.33 (p. 108). Nos três versos iniciais, Marcial justifica o facto de não beijar Filene, com três características físicas, de natureza depreciativa, que a individualizam. Seguindo a tradução apresentada, Filene é “calva”, é “ruiva” e é “zarolha”. Para o autor dos *Epigramas*, “Quem beija uma coisa destas, (...) faz um broche”. Se verificarmos com atenção, Marcial centra a descrição na cabeça de Filénis, começando precisamente pela parte mais superior: é “calva”. Mas, se isto mesmo é dado como certo, como pode Filene, em simultâneo, ser “ruiva”? Do nosso ponto de vista, o adjectivo *rufa*, se bem que etimologicamente relacionado com “ruiva”, não nos parece ter tido a melhor tradução. *Rufa* significa “vermelha”, “avermelhada”, “rubicunda” e “ruiva”, quando se refere ao tom dos cabelos. Ora, se atendermos ao último verso do poema, o que parece estar em causa é o tom de pele de Filene e não o dos seus cabelos. O que pretendemos demonstrar é que Marcial, ao traçar o retrato caricatural de uma mulher “calva”, “avermelhada” e “zarolha”, torna a face da mesma semelhante à *mentula*, isto é, semelhante ao órgão sexual masculino.

Ainda um outro aspecto que se prende com a tradução para língua materna diz respeito à opção, que consideramos muito acertada, de verter para uma língua estrangeira, no presente caso, o francês, as palavras e expressões registadas em grego no original. O facto de ser recorrente a utilização desta estratégia pelos diferentes tradutores deixa indiciar uma preocupação atenta pela uniformização de determinados critérios que certamente terão presidido à tradução. As excepções a este procedimento, registadas nos epigramas 3.20.7 e 3.77.10, merecem também o nosso comentário. Do nosso ponto de vista, se, no primeiro caso, a manutenção da palavra grega nos parece desnecessária, podendo contornar-se esta dificuldade pelo recurso ao vocábulo francês *faibles* (uma vez

---

<sup>1</sup> ADAMS, J. N. *The Latin Sexual Vocabulary*. Duckworth (Londres, 1987) 9.

que das fábulas de Fedro se trata), no segundo caso, justifica-se a manutenção da palavra grega do original, dada a dificuldade em encontrar-se uma equivalente no idioma francês.

À parte as breves considerações tecidas de meros aspectos pontuais que mereceram o nosso comentário, queremos realçar a manifesta qualidade da tradução, facto que desde o início se deixava adivinhar, ou não estivesse a supervisão dos *Epigramas* traduzidos a cargo do Doutor Walter de Medeiros, reconhecido *expert* nas artes da versão do Latim para o Português.

Sendo um trabalho de acurada tradução, levada a cabo durante vários meses, que se regista num volume de pouco mais de centena e meia de páginas, é, pois, digno de todo o mérito, sobretudo por nele se espelhar não em vidro, mas em palavras lusas, a Roma do século I, a grande Roma, *caput mundi*, mas plena e extasiada de vício e mediocridade.

ISABEL GRAÇA

**Cristina de Sousa Pimentel, Delfim Ferreira Leão, Paulo Sérgio Ferreira e José Luís Brandão, *Marcial: Epigramas*. Vol. II, Lisboa, Edições 70, 2000 (135 pp.).**

Decorridos que são alguns meses da publicação do primeiro volume dos *Epigramas* de Marcial, é com renovada satisfação que vemos chegar a público, em tão curto espaço de tempo, um segundo volume, que encerra a tradução para língua materna dos Livros IV, V e VI.

Em conformidade com a orientação de carácter didáctico que havia já norteado a publicação do primeiro volume, verifica-se novamente a preocupação de, à partida, fazer preceder os Livros traduzidos de uma breve introdução, onde se registam algumas particularidades a ter em atenção aquando da leitura dos *Epigramas*. Gostaríamos aqui de salientar, entre outras, a adulação empreendida pelo poeta, orientada para os poderosos, para os que são próximos do imperador e para o *princeps*, as múltiplas homenagens a amigos e patronos e o alargar da galeria de tipos e personagens, muitos deles marcados pelo traço caricatural do autor, e com os quais nos sentimos familiarizados desde a publicação do primeiro volume.

Relativamente às notas explicativas, apresentadas em rodapé, pretendem, sobretudo, descodificar algumas expressões, explicitar determinados passos, facultando-se para o efeito informações de cariz político e sociocultural, ou fazer simplesmente notar uma ou outra dificuldade de tradução. Por outro lado, verificamos que as notas não se detêm em interpretações muito particulares, quantas vezes defendidas a título individual, o que muito nos agrada, se tivermos em atenção que o presente livro se destina a um público principiante ou mesmo leigo no que respeita à literatura latina.